timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XI PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 119 DEZEMBRO 1995

7 DE DEZEMBRO: UM SALTO EM FRENTE

Pela primeira vez em 20 anos, cidadãos indonésios encabeçaram, em Jacarta, a contestação à invasão e ocupação de Timor Leste pelas FFAA do seu país

Na madrugada do dia 7 de Dezembro de 1995, 20º aniversário da invasão de Timor Leste pelas Forças Armadas da Indonésia, um numeroso grupo de jovens - 112 - invadiu as instalações das embaixadas da Rússia e da Holanda em Jacarta. Duas outras embaixadas estiveram igualmente na mira dos promotores da iniciativa: a da França e a da Tailândia. Mas aqui a polícia conseguiu gorar as suas intenções, prendendo alguns dos jovens envolvidos nessa tentativa.

Tratou-se de uma acção promovida pelo PRD (*Persatuan Rakyat Demokratik*, União Popular Democrática) - uma organização criada em Maio de 1994 por um conjunto diversificado de activistas vindos do campo estudantil, sindical, cultural - e que contou com a participação activa da comunidade timorense na Indonésia.

INICIATIVA INOVADORA

Pela primeira vez na história do movimento democrático indonésio da era Suharto, uma organização desafiou, de forma frontal e aberta, o regime numa questão considerada por ele como tabu. E aqui residiu o primeiro elemento novo desta iniciativa: não só a sua direcção pertenceu aos indonésios como a maioria dos seus participantes eram indonésios.

Para o regime esta "indonesianização" terá funcionado como um aviso. De acordo com testemunhas oculares, quando os ocupantes chegaram ao quartel da polícia foram separados em dois grupos: de um lado os timorenses, do outro os indonésios. A cada um deles correspondeu um interrogatório próprio. E para o último destes grupos, uma das perguntas que os polícias disparavam era: "*Como foi possível que a nossa própria gente tivesse participado nesta acção?*" (*Aksi News Service*, 12/12/95). Pelas suas implicações políticas evidentes, o regime tentou apagá-lo aos olhos da opinião pública mundial. Na informação disponibilizada na Internet, por exemplo, pela embaixada indonésia em Washington, os jovens ocupantes foram sempre referenciados como timorenses. Nenhuma referência à participação indonésia, muito menos que ela fora maioritária.

O segundo elemento novo residiu nos objectivos da iniciativa: os ocupantes das embaixadas não pretendiam pedir asilo político. Conforme o presidente do PRD, Budiman, disse aos jornalistas, "*não andamos à procura de asilo político. Prosseguimos um objectivo comum - democratizar a Indonésia*" (*Itar-Tass*, 8/12/95). Ao dar ênfase a esta componente o PRD procurou motivar os descontentes do regime para a causa dos timorenses, alargar-lhes a sua base social de apoio na Indonésia. Como afirmou na ocasião um timorense participante na iniciativa numa entrevista, "*descobrimos que existem indonésios que amam a democracia, tanto que estão dispostos a juntarem-se a nós e a apoiar-nos na nossa luta por um Timor Leste independente e soberano*" (*Aksi News Service*, 12/12/95).

No documento que entregaram aos embaixadores os ocupantes exigiram o respeito pelo direito à auto-determinação do povo timorense, a desmilitarização do território e a libertação dos presos políticos. Os jovens pediram igualmente para terem um encontro com o Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, o equatoriano Jose Ayala Lasso, que na ocasião se encontrava em Jacarta, mas este teria invocado uma "*agenda sobrecarregada*" para não se encontrar com eles.

Aliás, não foi só Ayala Lasso que se esquivou a enfrentar

neste número:

7 DEZEMBRO: UM SALTO EM FRENTE

O DIA DO MEDO E DA FÚRIA

a dificuldade da situação. Segundo o despacho da agência *Itar-Tass* de 8 de Dezembro que vimos citando, o representante da Cruz Vermelha Internacional (CVI) na capital indonésia teria "*evitado*" encontrar-se com os ocupantes da embaixada russa alegando "*falta de instruções*" de Genebra.

Novo foi, também, o comportamento do pessoal da representação diplomática holandesa. Confrontados com um desafio que ameaçava complicar-se, acabaram por optar pela solução aparentemente mais fácil: deixar a polícia ir buscar os ocupantes, a troco de garantias das autoridades que os deixariam em liberdade depois de um interrogatório "protocolar".

INTERROGATÓRIOS: PANCADA E QUEIMADURAS

Quando os jovens que ocupavam a embaixada holandesa chegaram ao quartel da polícia no Sul de Jacarta, foram fotografados e as suas impressões digitais recolhidas. Depois começaram os interrogatórios.

Grupos de 5, 6 polícias - incluindo as dos serviços de segurança, civil e militar - iam chamando os jovens um a um. Se era timorense, queriam saber como tinha vindo para Jacarta, quem lhe tinha dado o dinheiro, quem coordenara a acção, onde tinham dormido, etc. As perguntas eram acompanhadas com pancada e, pelo menos num caso, com queimaduras nos órgãos genitais. Alguns interrogatórios duraram 24 horas, sem interrupção.

Obviamente que este tipo de actuação por parte das forças policiais não constava do "acordo de cavalheiros" celebrado entre o embaixador holandês e as autoridades de Jacarta, embora ambas as partes soubessem que tal iria acontecer. O que só torna mais condenável o comportamento do governo dos Países Baixos.

AS PRISÕES DO COSTUME

Nos dias que antecederam o 7 de Dezembro várias dezenas de timorenses foram presos na Indonésia e em Timor Leste.

No dia 4, o Secretariado Internacional da *OMCT/SOS Torture* (Organização Mundial Contra a Tortura, sediada em Genebra, Suiça) lançou um apelo em favor de 9 timorenses presos no dia 10 de Novembro na aldeia de Leohat, Soibada, distrito de Manatuto, pelas forças de segurança indonésias. Os 9 tinham idades compreendidas entre os 27 e os 47 anos, tendo o mais velho deles, sido chefe de sub-distrito.

Alegadamente por serem portadores de uma mensagem para o Alto Comissário da ONU, que passou uma noite em Díli, foram também presos 6 timorenses vindos de regiões tão diversas como Maliana, Cailaco e Atabae. De acordo com fontes da Resistência, 70 timorenses teriam sido presos nesta cidade no próprio dia 7 por fazerem pichagens anti-integração nas paredes e muros da capital.

Entre os que foram presos na Indonésia, a Amnistia Internacional e a OMCT denunciaram o caso de Martinho Pereira, de 38 anos de idade, preso no cais de Surabaia no dia 4 de Dezembro pelas 11 horas da manhã quando regressava com a mulher e os filhos de Timor Leste a caminho de Jacarta. Martinho era um assistente social muito conhecido entre a comunidade timorense da capital indonésia pelo acompanhamento e apoio que dava aos seus compatriotas presos em Cipinang/Jacarta e em Semarang. Tendo estado nas montanhas de Timor entre 1975-77, foi preso em Díli em 1983 e condenado, no ano seguinte, a 4 anos de cadeia. O seu paradeiro é hoje desconhecido, receando a AI e a OMCT que esteja a ser submetido a maus tratos, incluindo tortura.

A AI alertou igualmente para a prisão de 20 timorenses já no dia 7, prisões estas feitas defronte das embaixadas da França e da Tailândia.

CONTRA-MANIFESTANTE A 1.250$00 AO DIA

Tal como tem vindo a acontecer ultimamente, as autoridades de Jacarta voltaram a organizar várias contra-manifestações, pretensamente dinamizadas por timorenses "patriotas", em defesa da integração.

No dia 4, uma vintena de jovens realizou uma manifestação contra a CVI, por esta ter ajudado os timorenses que tinham pedido asilo político a sair da Indonésia. Conforme um dos "manifestantes" contou à *Reuter*, "*fomos forçados a associar-nos aos protestos e só 7 de nós são de Timor Leste. Os outros são das Flores e de Timor Ocidental.*" Outros disseram ter recebido 20.000 Rupias (cerca de 1.250$00) dos militares para participarem na manifestação (*Reuter*, 4/12/95).

No dia 7 os contra-manifestantes voltaram a ocupar as ruas de Jacarta. Desta vez, porém, foram mais longe e invadiram os terrenos da representação diplomática dos Países Baixos, tendo-se envolvido em confrontos físicos com os que já se encontravam no local, apedrejado as janelas da embaixada e agredido 4 funcionários da mesma, entre os quais o próprio embaixador. Segundo jornalistas presentes à entrada da embaixada holandesa, estes invasores - perante a complacência e a cumplicidade das autoridades policiais - não pareciam ser timorenses mas indonésios das regiões orientais do país. Alguns observadores disseram que os mesmos pareciam ser membros da *Pemuda Pancasila*, uma organização juvenil patrocinada pela família Suharto, deslocando-se em autocarros com ar condicionado.

Também a embaixada australiana foi alvo de actos de vandalismo por parte dos contra-manifestantes, em retaliação por a bandeira indonésia ter sido queimada no dia 7 de Dezembro em várias cidades daquele país.

AYALA: "*HÁ GRAVES VIOLAÇÕES ...*"

Ayala Lasso, que no seu regresso por Jacarta fez declarações algo cinzentas - dando oportunidade às autoridades indonésias de tirarem partido delas - deu uma conferência de imprensa após a sua chegada a Genebra onde declarou aos jornalistas que na sua "*opinião, há graves violações dos direitos humanos em Timor Leste. Podemos ver isso do ambiente geral ... e das conversas que tive com vários grupos*". Na capital timorense o Alto Comissário da ONU ter-se-á encontrado num jantar, entre outros, com Manuel Carrascalão, deputado ao parlamento indonésio local, Armindo Maia, Vice-reitor da Universidade de Timor, e Florentino Sarmento, um antigo dirigente de uma activa ONG timorense, a ETADEP.

Ayala Lasso teria proposto a Ali Alatas a abertura de um escritório das Nações Unidas em Díli mas aquele recusou, pois na sua opinião tal ia contra o estatuto indonésio do território, mostrando-se, no entanto, disponível para negociar tal abertura em Jacarta e dando liberdade de movimentos ao funcionário da ONU para se deslocar a Timor Leste quando o requeresse (*Reuter*, 14/12/95).

O DIA DO MEDO E DA FÚRIA

Baseando-se em entrevistas, David Jenkins reconstituiu, nas páginas do Sydney Morning Herald de 2 de Dezembro, o dia da invasão de Timor Leste. Chamou-lhe "O Dia do Medo e da Fúria"

"(...) Em Timor Leste, os acontecimentos de 7 de Dezembro de 1975 não são fáceis de esquecer. O ataque brutal da Indonésia a este pequeno território que queria seguir o seu próprio caminho marca a forma como a maioria dos timorenses encara a Indonésia.

Sob muitos aspectos, Timor Leste era uma tragédia quase inevitável. Os portugueses nada fizeram para preparar a elite local para a administração do território e quando, em meados de 1975, as conversações sobre o seu futuro foram interrompidas, eclodiu uma violenta guerra civil provocando 1500 mortos. Apesar de ter sido, em parte, instigada por Jacarta, a guerra civil levou ao desaparecimento do grupo político favorável à Indonésia.

Este facto induziu muitos generais indonésios a pensar que tinha chegado o momento para uma invasão em grande escala. Para sua consternação, o Presidente Suharto manteve as trelas dos cães de guerra bastante curtas, limitando a sua aprovação a ataques das Forças Especiais a meia dúzia de cidades, incluindo Balibó, onde 5 jornalistas australianos foram mortos. No dia 3 de Dezembro, após a declaração unilateral de independência da Fretilin - e que foi uma resposta desesperada à pressão da Indonésia - o Presidente aprovou uma invasão em grande escala. Jacarta via a Fretilin como irremediavelmente de esquerda. Receava uma 'Cuba à soleira da porta'."

OS PREPARATIVOS

"A Indonésia tinha-se decidido pela invasão. Mas de que tipo? Nos meses que antecederam Dezembro, o general Benny Murdani, de 43 anos, responsável pelos serviços de informação militar, defendia um golpe rápido executado pelos boinas vermelhas do Kopassandha *(Comando Secreto das Forças de Guerra). O que era previsível. Murdani, um homem auto-confiante, rude, responsável pelas operações secretas indonésias contra Timor Leste, era o mais proeminente oficial das forças especiais. Ele acreditava que os 264 homens do* Kopassandha *poderiam ser lançados de pára-quedas no coração de Díli - aterrando defronte do Palácio do Governador - e controlar a cidade e o aeroporto durante 12 a 20 horas, tempo suficiente para a chegada de reforços.*

'A ideia era cair mesmo no coração do inimigo', *disse o general Murdani ao SMH. Murdani admite que esta estratégia tinha riscos.* 'Mas tinha a vantagem da surpresa. A nossa localização não podia ser predeterminada pelo inimigo. Tínhamos entre 200 a 250 homens. 50 podiam ficar atrás do inimigo, 20 à sua direita e outros 10 à sua esquerda. E todos com armas automáticas. É uma força formidável, formidável! É como termos 264 armas Bren.'

Para grande contrariedade de Murdani, a equipa de planeamento fez o que tinha feito muitas vezes no passado: enganou-se. Em vez de um ataque aéreo rápido, as chefias da ABRI [Forças Armadas da República da Indonésia] *optaram por um ambicioso e pesado ataque conjunto. Todas as armas deveriam tomar parte na acção, tanto por razões militares como 'políticas'.*

No plano final da invasão, aprovado pelo presidente Suharto, um bombardeamento naval deveria começar às 4.45 da manhã. Seria seguido uma hora depois pelo lançamento de para-quedistas envolvendo os 264 comandos Kopassandha *e uma companhia de 170 a 200 homens do Batalhão 502 da 18ª Brigada Aérea do* Kostrad.

Enquanto o Kopassandha *assegurava os 3 objectivos chave - o aeroporto, o porto e a estação de rádio - uma força de desembarque da Marinha deveria entrar perto de Kampung Alor, um pequeno quarteirão árabe situado na parte ocidental da cidade. Traria com ela tanques anfíbios PT-76. As restantes 2 companhias do Batalhão 502 seriam levadas em pequenos aviões de transporte.*

Uma operação conjunta era a última coisa que a Indonésia deveria ter feito. Havia mais de 10 anos que as forças de defesa indonésias não tinham um combate digno desse nome . Com excepção do Kopassandha *e de algumas unidades do* Kostrad, *as unidades estavam mal treinadas, mal comandadas e mal equipadas. Antes de 1975, a maior parte dos exercícios militares indonésios tinham sido feitos por unidades isoladas.*

Nenhum destes factos parecia preocupar a equipa de planeamento em Jacarta. O Departamento de Estado norte-americano, num relatório com data 1 de Dezembro, escreveu: 'Em caso de invasão, os indonésios prevêem que a Fretilin seja forçada a capitular no prazo de 3 a 4 semanas'. *Verificou-se que esta estimativa, como muitas outras referentes a Timor Leste, era demasiado optimista."*

A INVASÃO

"(...) 'Lançaram [a Marinha indonésia] alguns projécteis sobre a cidade, mas não causaram nenhum estrago', *afirmou Murdani,* 'Era só para cobrir o desembarque. Foi um erro. Quando se realiza uma operação aerotransportada, não pode haver movimentos, nem avisos nem nada disso. Como o seu pessoal ía ser lançado, queriam um bombardeamento 60 minutos antes. Assim perdeu-se o factor surpresa. Por isso, quando os nossos rapazes saltaram dos aviões o inimigo poderia ter disparado sobre eles. Mas não era eu o oficial responsável pelas operações. Não teria planeado isto assim. Teria ordenado à Marinha para estar quieta.'

Era ainda noite quando os C-130 se fizeram à pista em Kupang, sob a pálida claridade de uma lua em quarto crescente. Mas agora, com 45 minutos de voo, o sol nascia para uma magnífica manhã estival. Apesar da estação das chuvas ter começado, dos rios estarem cheios e das estradas se terem convertido em horrorosos caminhos de lama, as previsões eram de céu limpo.

'Surpreendentemente não choveu', *disse o general Dading Kalbuadi, um Boina Verde companheiro de Murdani, que dirigiu as operações e observou o ataque dos para-quedistas a partir de um navio de guerra.* 'Parecia o Havai em 7 de Dezembro de 1941 quando os japoneses atacaram Pearl Harbour. Era também um 7 de Dezembro e o tempo também estava bom!'

Quando os 5 aviões se aproximaram da zona de salto, voando em direcção ao mar, com Díli à direita, as tripulações tiveram uma

visão completa da cidade. Puderam ver os navios de guerra a pouca distância da costa e o fumo subindo das montanhas, onde as bombas tinham explodido entre os eucaliptos.

Cada avião levava cerca de 80 homens de caras mascarradas. Cada homem aterrou com um pára-quedas, uma arma AK-47 e cerca de 36 kg de equipamento, incluindo munições e comida para 2 dias, 2 garrafas de água, pá, catana, caixa de primeiros socorros e componentes das peças de armamento pesado. Quando os C-130 estavam a cerca de 15 km a oriente de Díli, rodaram 180º para a direita. Isto colocou-os na direcção da zona de salto. Quando entraram nela, a cerca de 10 Km a leste da cidade, os pilotos tinham estabelecido a altitude para o lançamento (1.250 pés), determinado a velocidade do ar (110 nós) e fixadas as condições para um voo estável. Assim que o primeiro avião atingiu o ponto de salto, perto do Hotel Turismo, o monitor gritou, 'Go'.

Se Murdani tivesse feito como queria, o lançamento dos para-quedistas teria sido uma surpresa completa para os que estavam em terra. Mas o bombardeamento naval tinha acordado a cidade. Quando o céu se começou a encher de uma vaga de seda verde-caqui, os defensores da Fretilin abriram fogo de armas ligeiras. Uma bala acertou no monitor da Kostrad, *que ficou mortalmente ferido. Ao ouvir os gritos de agonia do moribundo pelo intercomunicador, o piloto, tomado de pânico, virou bruscamente à direita. O avião, que tinha acabado de passar sobre a Igreja de Motael, dirigiu-se então para o mar, para longe do fogo da Fretilin. Mas o co-piloto não conseguiu desligar a luz verde de* 'salto'.

Sem dar conta do perigo, os homens da Kostrad *continuaram a seguir a fila e a saltar. Mais de 30 desceram no porto, onde lutaram com os pára-quedas e cordas das bagagens. Outros ficaram fora de combate quando caíram em formações de corais. Foi um duro golpe para os indonésios. (...)."*

CUSTOS ELEVADOS

"*A operação conjunta correu mal desde o início. Alguns dos Boinas Verdes do batalhão 502, que estavam sob o comando do major Warsito, caíram na água e morreram afogados. Outros envolveram-se em tiroteio com o batalhão da marinha indonésia, que avançava para terra a partir da praia.*

Em combate pela primeira vez, os militares indonésios dispararam as suas armas automáticas em todas as direcções, enchendo as ruas arborizadas de Díli com cápsulas. Não surpreende por isso que pouco tempo depois se tenham visto com falta de munições. Não havia mais; a feroz resistência da Fretilin impediu que os transportes com provisões chegassem à praia. (...).

Vinte anos mais tarde, oficiais superiores indonésios dos serviços de segurança já não fazem segredo de que uma operação conjunta a esta escala exigia muito mais capacidade do que aquela que a Indonésia tinha na altura. Nem escondem o fraco desempenho, a indisciplina e a brutalidade de certas unidades. 'Essas tropas não tinham disciplina nenhuma', *reconheceu Murdani em 1993.* 'Disparavam uns contra os outros. No seu conjunto, foi muito desagradável'.

Em Jacarta, no primeiro dia da invasão, os porta-vozes mantiveram-se fieis à história gasta de que 'voluntários' indonésios estavam a ajudar os timorenses a reunirem-se com os seus irmãos indonésios. Na verdade, os timorenses pró-indonésios não passavam de figuras decorativas; desembarcaram 5 horas depois do ataque dos para-quedistas. Não havia muito amor fraternal; as tropas indonésias comportavam-se com grande brutalidade.

Murdani afirma que não tinha nenhuma esperança de que a Fretilin não lutasse ferozmente, 'esperava que a resistência fosse muito forte', *disse.* 'Porque foram treinados pelos portugueses, mentalizados pelos portugueses sobre a ameaça da Indonésia. Estavam-se nas tintas para os indonésios. A sua dedicação era para com os portugueses. Era, portanto, natural que resistissem e lutassem contra nós. Porque éramos retratados pelos portugueses como uma espécie de exército imperial. Agressores! Muçulmanos! Javaneses!'

O ataque a Díli foi inesperadamente custoso para os indonésios que perderam, logo no primeiro dia, 37 homens dos quais 2 majores e 2 capitães. Um dos majores era do Kopassandha. *Quase todas as baixas foram do Batalhão 502. Na altura Jacarta noticiou que tinha sofrido apenas uma baixa. (...).*

Nesses horríveis primeiros dias, o Batalhão 502 foi o pior de todas as tropas indonésias estacionadas em Díli. Fuzilaram timorenses. Devido ao seu comportamento, Murdani retirou a unidade. Foi mandada regressar a Java Oriental em total descrédito.

Nada disto parece ter tido algum impacto negativo na carreira do comandante do batalhão, major Warsito, que se reformou como general e que é presentemente governador de Nusa Tenggara Barat, a província que inclui a região de Lombok-Sumbawa. (...)."

AINDA ACTIVOS

Pela passagem do 20º aniversário da invasão de Timor Leste pelas FFAA indonésias, a *Reuter* publicou um despacho - intitulado "*Rebeldes timorenses ainda activos 20 anos depois da invasão*" - de um seu correspondente em Jacarta dando conta das opiniões de pessoal diplomático acreditado na capital indonésia sobre o estado da Resistência armada timorense.

Afirmando que o conflito - "*um dos existentes há mais tempo no mundo*" - é, relativamente, de baixa intensidade, o jornalista cita fontes militares estrangeiras onde estas estimam que "*a luta em Timor deve arrastar-se, na ausência de uma solução política e devido a dificuldades logísticas e à aparente capacidade da Fretilin para se regenerar.*"

Um adido declarou à agência: "*Penso que a Fretilin não quer ser muito grande. Quer um equilíbrio, em que possa continuar a irritar sem se tornar um dreno para aqueles que a apoiam*".

Outro disse que: "*A Fretilin parece ser capaz de atrair a juventude para se regenerar (...). Provavelmente a ABRI não poderá derrotar a Fretilin sem sofrer muitas, muitas baixas. Os elementos da Fretilin são auto-treinados, o que os torna muito resistentes. É provável que o conflito continue enquanto a Fretilin for capaz de recrutar caras novas.*" (*Reuter*, 3/12/95).

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317